



PASSOS DIÁRIOS

#peregrinopelocoração

ACOLHER NO CORAÇÃO
O DOM DA ESPERANÇA



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA



ISANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA

PASSO 7

#peregrinopelocoração

7.

O milagre do sol como
sinal de esperança

Fátima lança-te o desafio de uma peregrinação mais essencial: o caminho é interior e poderá levar-te muito longe dentro de ti mesmo, ao encontro do santuário do teu íntimo onde Deus está presente para ti. Fazer-te peregrino pelo coração é procurares viver interiormente o que a experiência da peregrinação suscita e realiza. Fátima chama-te. Neste outubro, poucos poderão vir ao Santuário, mas todos podem fazer esta peregrinação interior, cada dia, para mais profundamente viverem a aparição de outubro.

Visitando a narrativa que Lúcia faz dos acontecimentos da última aparição, descobriremos o caminho do acolhimento do dom da esperança que Deus oferece aos corações contemplativos e compassivos. Hoje, poderás compreender o milagre do sol como sinal de esperança.

Neste outubro, Fátima convida-te a seres peregrino pelo coração para acolheres o dom da esperança. Hoje, és convidado a compreender o milagre do sol como sinal de esperança.

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Fátima já acolhe os peregrinos. Mas poucos poderão vir ao Santuário. Faz-te peregrino pelo coração e prepara-te para contemplar o sinal dado em Fátima para que todos acreditem: o milagre do Sol. O caminho é interior e poderá levar-te muito longe dentro de ti mesmo, ao encontro do santuário do teu íntimo onde Deus está presente para ti. É a luz do coração de Deus que brilha no coração imaculado de Maria, que em Fátima se oferece como lugar de encontro entre Deus e os seus filhos.

Procura o silêncio, para abrires os olhos do teu coração à contemplação do milagre do sol compreendo-o como um sinal de esperança. Silencia dentro de ti mesmo.

Uma multidão de entre 50 000 a 70 000 pessoas acorreram à Cova da Iria no dia 13 de outubro. Na aparição de julho, já a sofrer muito com as dúvidas e as suspeitas de mentira que de todos os lados, a começar pela própria casa, a atormentavam, a Lúcia pedira: «- [Queria pedir-lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que](#)

Vossemecê nos aparece». E a Senhora respondera: «– Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi quem sou, o que quero, e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar».

Em agosto a Senhora repetira a promessa e em setembro também: «– Em Outubro farei o milagre para que todos acreditem». A notícia desta promessa espalhara-se e muitos vieram: uns na expectativa de presenciarem o milagre; outros para, não havendo milagre, assistirem ao fim do que tinham como uma farsa; outros ainda movidos pela curiosidade ou apenas a ver no que dava.

Escuta alguns excertos do testemunho de um católico profundamente crente e esclarecido, Luís de Magalhães e Vasconcelos; o seu testemunho ajuda-nos a perceber o que estava em jogo para a Igreja naquele dia na Cova da Iria:



«[...] Um] venerando Sacerdote mostrava-se pouco inclinado a acreditar na sinceridade das revelações feitas pelas pequenas. Escrupulosamente, conservava-se na expectativa, alheio a tudo, como alheio a tudo se tem conservado e conserva o clero deste concelho. Pela minha parte pensei então que a imaginação das crianças podia deixar antever toda a possibilidade de uma visão irreal, meramente subjetiva. Podia também tratar-se de uma mistificação de intuitos espetaculosos ou lucrativos e por isso entendi que era dever não me fazer eco desses boatos que visavam um assunto tão grave e tão melindroso. Com o insucesso só a Nossa Religião poderia perder. Por isso, quando se falava no caso, de aí em diante, mostrei sempre mais descrença do que expectativa. Foi nestas disposições de espírito que eu, no dia 13 de Outubro, próximo passado, pela primeira vez me dirigi para o local das aparições. [...] Aos que me perguntavam] respondi, sorrindo incredulamente, que tudo era uma “blague”. “Que como católico, me não repugnava acreditar na possibilidade de um milagre mas que por isso mesmo[, por]que era católico, é que não acreditava, enquanto esse milagre se não operasse por uma forma evidente, inconfundível. Que o próprio clero

do concelho duvidava também, segundo me constava”. [... Um] meu amigo, tirando o relógio disse-me: faltam cinco minutos, à uma hora olhe para o sol, foi a hora anunciada pelas pastorinhas, depois me dirá. Isto surpreendeu-me pois que para onde eu tencionava olhar e para onde eu julgava que todos olhariam era para o local onde se encontravam as pastoras. Constava-me que elas tinham afirmado que nesse dia se daria uma coisa que depois disso ninguém poderia duvidar. O céu nesse momento estava duma cor plúmbea. A chuva tinha parado. O sol não se via, encoberto pelas nuvens, e ninguém diria que ele tornaria mais a aparecer nesse dia tão chuvoso e tão desabrido. À uma hora em ponto, ouço um grande clamor. Esses meus amigos gritam-me: olhe, olhe, mas eu a princípio apenas via nuvens correndo ligeiras deixarem o sol a descoberto. De repente vejo uma orla intensamente cor-de-rosa, circundar o sol que se assemelhava a um disco de prata fosca, como já alguém disse, ao mesmo tempo que me dava a impressão de que este se deslocava da sua primitiva posição. Nuvens diáfanas, vaporosas, um tanto roxas, um tanto alaranjadas, perpassavam. Em vários pontos da linha do horizonte, contrastando com a cor plúmbea do céu, eu vi também manchas cor-de-rosa e amarelas. O clamor cada vez era maior. Isto não durou segundos: durou talvez minutos. Ao observar estas manifestações, que não duvidei um momento fossem devidas à Infinita Omnipotência de Deus, uma indiscreta impressão se apoderou de mim. Sei apenas que gritei, creio, creio, creio, e que as lágrimas caíam dos meus olhos, maravilhado, extasiado, perante essa demonstração do Poder Divino. Sei também que não senti a menor sombra de receio ou terror. Se não fosse católico, nesse momento ter-me-ia convertido. Lembro-me também que não ajoelhei, mas a maior parte das pessoas caíram de joelhos sem se importarem com o enorme lamaçal».

Escuta apenas um versículo do livro do Apocalipse | Ap 12,1:



¹Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça».

A multidão não viu a Senhora; viu o sol, que veste a Senhora, dançando no céu e aproximando-se da terra e enxugando e aquecendo os peregrinos encharcados e gelados pela tempestade de vento e chuva forte que até aí se abatera sobre eles. O mundo sem sol. A multidão que esperava o sinal que atestasse as palavras dos pastorinhos: «– um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece».

Nunca mais, desde aquele dia 13 de outubro, o milagre do sol deixou de ser objeto de polémica, com intervenções sucessivas de especialistas de diversas ciências a proporem hipóteses de explicações naturais do fenómeno. Contudo, muitos dos que testemunharam o acontecido interpretaram-no como um sinal de esperança, de cumprimento da esperança que os movia: o céu fazia-se próximo da terra, Deus não abandonara a história – a história de cada um, como a história da humanidade, tão dura e dolorosa naquela etapa trágica que atravessava. Acreditas? Anima-te esta esperança? Vês sinais à tua volta que alimentem a esperança na compaixão de Deus para com os seus filhos, que atravessam as tempestades da história como peregrinos da sua casa?



Meu Deus, és o habitante íntimo do meu coração e chamas-me a tornar-me peregrino pelo coração para aí me encontrar contigo.

Procuro sinais que alimentem em mim a esperança.

Há tanto em mim e à minha volta que me empurra para a incredulidade e me faz difícil a esperança.

Vem em auxílio da minha pouca fé e torna-me capaz de interpretar os sinais da tua proximidade,

que alentem em mim a esperança de que estás connosco, fiel e comprometido com a humanidade nas tempestades da história;

sinais que me confirmam na certeza de que em ti posso pôr toda a minha esperança.

Sou peregrino pelo coração, abre o meu coração aos sinais de
esperança que ofereces.

Quero peregrinar pelo coração
até ao coração da tua mãe, minha mãe, Nossa Senhora do
Rosário de Fátima.

No seu coração, és tu que esperas o meu coração.

Faço-me peregrino pelo coração: pelo meu coração irei
e no coração imaculado da Mãe ouvirei o bater misericordioso
do teu coração. Ámen.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós
entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e
na hora da nossa morte. Ámen.

Mãe do céu, está atenta à voz das súplicas do mundo em
tribulação. Atende o grito dos pobres e dos doentes, dá
conforto e esperança a todos os que sofrem, dá força e
compaixão a todos os que cuidam e trabalham. Dá a paz ao
mundo. No teu imaculado coração, sê, para todos os teus
filhos, refúgio e caminho para Deus.

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, rogai por nós.

São Francisco e Santa Jacinta Marto, rogai por nós.

Nossa Senhora vela por ti ao longo do caminho desta peregrinação pelo
coração. Que o caminho desenvolva nos teus olhos a arte de ler o que te
é dado ver e viver, descobrindo sinais de esperança. E o sol dançará no teu
íntimo, a esperança habitará no teu coração. Até amanhã.